



AS RELAÇÕES ENTRE TREINADORES/AS E ATLETAS NO FUTSAL DE MULHERES

Eixo Temático 30 – Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e Sexualidade

Bárbara Aparecida Bepler Pires¹
Mariana Cristina Borges Novais²
Ludmila Nunes Mourão³

RESUMO

Objetivamos analisar como se apresentam as relações entre treinadoras/es e atletas segundo os relatos delas acerca de suas trajetórias dentro do futsal de mulheres. O percurso metodológico está fundamentado na abordagem qualitativa de caráter descritivo e utilizamos entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados. As participantes foram mulheres atletas de futsal de Juiz de Fora/MG. Os dados obtidos foram analisados à luz da Análise de Conteúdo. As discussões revelam a importância das relações estabelecidas, além de alertarem para os assédios e abusos entre treinadores e atletas. Além disso, torna evidente a necessidade de intensificar as pesquisas que focalizam as relações entre treinadores/as e mulheres atletas no futsal.

Palavras-chave: Relações interpessoais; Treinadores/as; Atletas; Gênero; Futsal de mulheres.

INTRODUÇÃO

¹ Mestranda pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, barbarabepler@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, maribnovais@hotmail.com;

³ Professora orientadora: Pós-Doutora, Faculdade de Educação Física - UFJF, mouraoln@gmail.com;



O futsal caracteriza-se como um espaço de reserva masculina, historicamente construído (MASCARIN; OLIVEIRA; MARQUES, 2017). Entretanto, esse panorama vem sendo modificado, de forma lenta e gradual, e é possível identificar um aumento na participação de mulheres atletas em esportes antes a elas interditados, como era o caso do futsal (ROMARIZ; VOTRE; MOURÃO, 2012).

Paralelamente a este fenômeno de ampliação da participação delas nas modalidades esportivas, em especial no futsal⁴, há o crescimento das produções acadêmicas que tematizam este universo (BARREIRA *et. al*, 2018). No ano de 2017, realizamos um Trabalho de Conclusão de Curso⁵ de Bacharelado em Educação Física objetivando descrever as trajetórias esportivas e analisar a inserção e a permanência de mulheres atletas de futsal de Juiz de Fora/MG. As trajetórias esportivas delas, sejam profissionalizadas ou não, contemplam inúmeras particularidades que potencializam o seu desenvolvimento ou, por outro lado, o dificultam.

A partir do estudo de literatura sobre o futsal de mulheres⁶ (ALMEIDA, 2016; MASCARIN; OLIVEIRA; MARQUES, 2017; PISANI, 2012) e das entrevistas da nossa pesquisa em 2017, percebe-se que um dos assuntos que emergem nos discursos das atletas são os tipos de relações que elas estabeleciam, ou estabelecem, com as/os treinadoras/es. Entretanto, não se encontram, em mesma proporção, produções que tomem essas relações como objeto de estudo; sendo tratadas, usualmente, como elementos importantes que contribuem para a compreensão de outras temáticas.

⁴ Em diversos momentos deste texto, e outros que tematizam o futsal e o futebol de mulheres, os universos destas duas modalidades se misturam, pois, apesar de realidades completamente distantes atualmente, suas raízes de enfrentamento e subversões são as mesmas: proibição por lei; manutenção do espaço heteronormativo; preconceitos... Neste sentido, futsal e futebol de mulheres podem ser considerados sinônimos neste trabalho.

⁵ O trabalho inicial teve financiamento do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para sua realização.

⁶ Adotaremos o termo “futsal de mulheres” por concordarmos com Kessler (2015, p. 32) ao entendermos que ‘mulheres’ abrange “[...] corpos e subjetividades de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais.”.



Em qualquer relação humana, seja amorosa, institucional ou econômica, o poder está presente (FOUCAULT, 2011). Portanto, pode-se afirmar que os laços entre treinadores/as e atletas não escapam a esta realidade.

Foucault (2011) entende que estas relações acontecem desde as pequenas vivências dentro dos relacionamentos humanos até os mais altos níveis do Estado. Nesse sentido, ele entende que “[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2011, p. 103). Ainda nas palavras do autor:

Parece-me que se deve compreender o poder primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 2011, p. 102-103).

O que dá sentido às relações, segundo Foucault (2011), são as possibilidades de mobilidade desse poder. Nesses casos, geralmente, a atleta é o lado mais fraco e frágil; e o/a treinador/a é o lado mais forte deste elo (GUIRAMAND, 2017); porém, de acordo com os pensamentos foucaultianos, a opressão unilateral é um conceito equivocado e só existem relações de poder em ambientes que podem coexistir movimentos de luta, subversões e transformações da realidade.

A pesquisa de Guiramand (2017) foca apenas em atletas de elite, portanto, não considera os relatos, vivências e experiências de outros/as atletas que não se enquadram no alto rendimento. Lendo e relendo as entrevistas realizadas por nós em 2017, percebemos que alguns relatos poderiam ser potencialmente analisados objetivando compreensões mais detalhadas sobre o conviver entre treinadores/as e atletas. Sendo assim, o presente estudo analisou como se apresentam as relações entre treinadoras/es e atletas segundo os discursos delas acerca de suas trajetórias dentro do futsal de mulheres.



METODOLOGIA

Este estudo se enquadra na abordagem qualitativa de caráter descritivo, visto que lida com interpretações das realidades sociais (BAUER & GASKELL, 2013).

As participantes deste trabalho foram oito mulheres atletas de futsal convocadas para representar a cidade de Juiz de Fora no JIMI⁷ do ano de 2017. Seguindo todas as diretrizes éticas, elas assinaram o TCLE, aceitando participar voluntariamente da pesquisa. Neste momento, todos os procedimentos do estudo e quaisquer dúvidas foram abordados, incluindo a preservação da identidade das voluntárias.

A entrevista semiestruturada foi a técnica escolhida como instrumento na coleta de dados pela necessidade de obtenção de informações que não são encontradas em documentos, arquivos ou outros registros (ROSA, 2009). As entrevistas foram realizadas face-a-face e/ou por meio virtual (*Whatsapp Messenger*®) quando houve incompatibilidade de horários.

O roteiro de entrevista foi elaborado pela autora e posteriormente validado, via e-mail, por membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS). Destaca-se que todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal segundo as orientações do Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME, 2018).

Optamos pela Análise Conteúdo para analisar os dados que foram coletados na pesquisa (BARDIN, 1979).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

⁷ JIMI, ou Jogos do Interior de Minas, é considerado a mais tradicional competição esportiva do Estado. As cidades são representadas por suas e seus atletas, sempre na categoria adulta, em inúmeras modalidades coletivas e individuais. Dentre as coletivas, está o futsal de mulheres.



“Eu tinha uns sete anos de idade quando troquei de escola. Na Educação Física, o professor [...] reparava que eu gostava de jogar bola [...] Aí ele foi, conversou comigo e perguntou se eu não queria fazer uma aula [...] de futsal com os meninos.” (A3⁸)

Não é incomum, em entrevistas para as mídias, se deparar com relatos de atletas recordando treinadores/as que fizeram parte de suas trajetórias. Sendo assim, iniciamos com esse trecho que a atleta entrevistada rememora a presença do seu professor de Educação Física, e primeiro treinador de futsal, como um dos responsáveis pelo início de sua trajetória na modalidade, e começamos a refletir sobre as relações entre treinadores/as e atletas.

Segundo Guiramand (2017), a aproximação entre treinadores/as e atletas cria uma conexão profunda e complexa que ultrapassa as correções sobre as ações dentro das quatro linhas. Esta relação transpassa significados e emoções devido a construção de “[...] um forte vínculo, permeado por um misto de sentimentos que oscilam entre o afeto, a raiva, a admiração, a confiança e até mesmo a decepção” (GUIRAMAND, 2017, p. 8).

Pode-se afirmar que os laços entre treinadores/as e atletas estão circunscritos nas relações de poder baseadas nos pilares foucaultianos (2011) e com o passar do tempo, a convivência e rotina, o/a treinador/a pode também acumular funções diferentes e importantes na vida da atleta (GUIRAMAND, 2017). A figura dele/a ultrapassa os limites dos conselhos técnicos-táticos e pode interferir em outras relações comuns da vida humana, sendo inclusive referenciados como “pai” e/ou “irmão”⁹:

“A relação com os meus treinadores sempre foi muito boa. Sempre tive eles como meus amigos mesmo, sabe? E quando eu era mais nova até como meu pai porque como passava mais tempo no campo, mais tempo com ele, então eu meio que adotei como um pai para mim [...]” (A7)

⁸ As atletas participantes do estudo foram identificadas através da letra A (proveniente da palavra atleta) e de um número de identificação de acordo com a ordem na qual concederam a entrevista.

⁹ Há predomínio dos homens na função principal do treinamento na pesquisa, portanto, as atletas fizeram apenas referências às relações próximas utilizando termos masculinos.



“O treinador era maravilhoso... Sem palavras... Tenho ele como irmão para mim hoje.” (A2)

Salientando a importância dos treinadores em suas trajetórias, uma das atletas relatou que um deles a “motivou muito a ser uma pessoa melhor dentro do futsal [...]” (A4); outra atleta (A4) disse que o treinador que esteve com ela durante sua adolescência foi importante na continuidade dela na modalidade por incentivá-la e apoiá-la.

Neste cenário permeado pelas relações de poder (FOUCAULT, 2011) onde o/a treinador/a pode influenciar essas atletas, e vice-versa, não é somente as recordações felizes que permeiam suas histórias, infelizmente. Stirling e Kerr (2009; 2013) indicam que as atletas não estão imunes a experiências de abuso físico, sexual e emocional, especialmente em níveis mais elevados de desempenho no esporte, visto que geralmente passam mais tempo com o/a treinador/a do que com a própria família. Participantes confidenciaram pontos importantes sobre a convivência e a construção desta relação com o homem-treinador¹⁰:

“[...] o treinador trabalhava com meninas mais velhas, então o papo dele era de meninas mais velhas. E aquilo me incomodava muito, eu ainda tinha quatorze anos na época, o papo dele era diferente e eu achava aquilo muito estranho e quando fui jogar a primeira vez com ele, ele gritou comigo, apontou o dedo na minha cara e eu fiquei sem entender muito a questão [...]” (A2)

“E homem, infelizmente, não são todos, mas assim, busca muito mais o prazer dele, muita das vezes, do que ver a menina crescer no futebol, entendeu? Isso é um ponto muito delicado que muita gente não sabe [...]. Então assim, é muito louco o ‘cara’ achar que é posse, que pode fazer o que quiser, falar o que quiser que te ‘taca’ medo. E você vai fazer porque senão você vai ser mandada embora.” (A3)

Afirmamos, com pesar, que elas não são as únicas. Pisani (2012, p. 107), denuncia que “várias jogadoras relataram episódios ocorridos ao longo de suas

¹⁰ É importante salientar que abusos não são exclusividade nas relações entre homens-mulheres; porém, entendendo a hegemonia social na qual ainda se vive, ele é mais recorrente entre esses sujeitos (BRASIL, 2018).



trajetórias pessoais, nos quais tiveram que enfrentar situações de assédio moral e sexual por parte dos integrantes homens das comissões técnicas” e são eles que estavam em mais do que 80% dos cargos no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino entre os anos de 2013 e 2019 (PASSERO *et al.*, 2020).

Algumas atletas manifestavam “a vontade de que o futebol de mulheres fosse também dirigido por mulheres” (PISANI, 2012, p. 107) e relatam que “é muito diferente de um treinador homem” (A4). Mas o cenário está mudando lentamente: na última edição do Campeonato Brasileiro Feminino Sub-17 (2022), dentre doze equipes participantes, sete eram treinadas por mulheres, o que significa que mais da metade (58%) das atletas eram treinadas por uma mulher. Esta informação não quer dizer que os relatos de abusos e assédios irão diminuir, nem ao menos que as recordações positivas irão aumentar, mas poderão sofrer transformações significativas no futuro, que nos reserva pesquisar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações desta pesquisa, longe de serem finais, salientam a necessidade de ouvir e visibilizar o discurso das atletas para assuntos pertinentes que dizem respeito às suas relações com os/as treinadores/as durante sua trajetória esportiva. Os discursos, como demonstrados, são densos e refletem particularidades que influenciam suas vidas, dentro e fora das quatro linhas.

Pode-se, através de uma pesquisa como essa, impactar pessoas e instituições envolvidas com o esporte de mulheres por focalizar as relações entre treinadores/as e atletas. Sua dimensão política pode potencializar positivamente estas relações e, por consequência, possibilitar avanços no desenvolvimento humano e esportivo destas mulheres, além de conscientizar treinadores/as sobre os impactos de relações abusivas entre eles/as.

Os/as treinadores/as através de suas práticas esportivas também são responsáveis por desempenhar um papel que naturaliza padrões sociais, que separam, fomentam os



preconceitos e violências, inclusive as de gênero, nas suas relações com as atletas, mesmo que muitas vezes em ação não-intencional e/ou velada.

E é neste cenário, tendo a primeira autora deste trabalho como uma das treinadoras do futebol de mulheres que fez parte da última edição do Campeonato Brasileiro Feminino Sub-17, vivendo e convivendo também na prática, que pretendemos aprofundar essa temática; extrapolando os limites da academia e das imposições estabelecidas neste país “do futebol” feito por homens e para os homens, e instigando que mais pesquisadores/as também o façam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. **Belas e feras, nós e as masculinizadas**: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, C. S. (Org.). *Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R.; MEDEIROS, D. C. C. de; GALATTI, L. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 607–618, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/80030>. Acesso em: 1 ago. 2022.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um material prático**. - 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. **Guia de orientação sobre assédio moral e sexual nos esportes**. 2018. Disponível em: https://www.cbat.org.br/assedio_atletismo/cartilha_assedio_mpt.pdf. Acesso em: 12 jun 2021.

CEME. **Manual Básico de Transcrição do Centro de Memória do Esporte (CEME)**. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ceme/site/projetos/pesquisa/1_Garimpendo_Memorias_esport_e_educacao_fisica_lazer_e_danca_no_Brasil. Acesso em 27 maio, 2018.



FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber.** Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17 ed. São Paulo: Graal, 2011.

GUIRAMAND, M. **Treinador e atleta: significados de uma relação na aprendizagem e desempenho esportivo de alto rendimento à luz da teoria de Buber.** 2017. 215 p. Tese (Educação). Porto Alegre. Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol das mulheres no Brasil e nos Estados Unidos.** 2015. 375 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MASCARIN, R.; OLIVEIRA, F.; MARQUES, R. Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. **Fluxos & Riscos**, v. 2, n. 2, p. 83 – 96, Fev 2017.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 287-298, maio/ago, 2004.

PASSERO, J. G.; BARREIRA, J.; TAMASHIRO, L.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acessado em: 01 ago. 2022.

PISANI, M. S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol.** 2012. 166 p. Dissertação (Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 219-237, 2012.

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STIRLING, A. E.; KERR, G. A. The perceived effects of elite athletes' experiences of emotional abuse in the coach-athlete relationship. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**. Abingdon, Inglaterra, v. 11, n. 1, p. 87-100, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/1612197X.2013.752173>>. Acesso em: 29 abril 2019.

_____. Abused athletes' perceptions of the coach-athlete relationship. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**. Londres, Inglaterra, v. 12, n. 2, p.227-



239, mar. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17430430802591019>>.
Acesso em: 29 abril 2019.